

JOSÉ MARCOS DA ROCHA SILVA

GRAFITE E PICHAÇÃO: DO CAOS VISUAL À ESTÉTICA URBANA

BRASÍLIA

2013

JOSÉ MARCOS DA ROCHA SILVA

GRAFITE E PICHANÇA: DO CAOS VISUAL À ESTÉTICA URBANA

Trabalho de Conclusão do Curso de Artes Visuais habilitação em licenciatura, do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Herres Terraza.

BRASÍLIA

2013

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a toda minha família que acreditou em meu empenho para concluir mais esta importante fase de minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, a minha família, em especial a minha esposa, pelo companheirismo nos momentos mais difíceis desta jornada. Aos mestres que com todo esforço e dedicação compuseram o conhecimento que aqui adquiri e aos amigos pelo carinho.

Sumário

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1.....	9
1.1 O Contexto da Pichação e do Grafite.	9
1.2 Grafite e Pichação, um breve histórico.	14
CAPÍTULO 2.....	19
2.1. A Pichação em Brasília.	19
2.2 Movimento Cultural em Sobradinho e a Pichação.	21
2.3 CEF 05: Pichação e Grafite no Espaço Escolar.	22
2.4 Uma ideia apareceu no portão da Escola.	24
CAPÍTULO 3.....	27
3.1 Metodologia	27
3.2 Iniciando o projeto	27
3.3 A internet como ferramenta aliada na pesquisa	29
3.4 Oficina para edição de imagens	30
3.5 Pesquisa de campo e o processo de análise do material	30
3.6 A interpretação como movimento na pesquisa	32
3.7 A exposição como reflexo do fazer pedagógico	34
3.8 Galeria Virtual	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
Referências Bibliográficas	41

LISTA DE IMAGENS

Figura 01- Grafiteiros fazem pinturas nas pilastras do metrô	17
Figura 02 - Melancia do Toninho de Souza	18
Figura 03 - Portão do Centro de Ensino Fundamental – 05	22
Figura 04 - Grafite na parede do NTE realizada por jovens ex-integrantes do “Programa Picasso Não Pichava”	24
Figura 05 - Aluno do projeto fotografando a escola	28
Figura 06 - Pose em frente ao muro da escola	34
Figura 07 - Rabiscos, Pichação e Grafite	35
Figura 08 - Pichação no Banheiro. Fonte: Elaborado pelo autor	35
Figura 09 - Pintura na parada de ônibus Quadra 10 – Toninho de Souza	36
Figura 10 - Grafite na parada de ônibus da quadra 08 em frente à praça	36
Figura 11 - Banheiro público na Praça da quadra 08	36
Figura 12 - Orelhão na quadra 08	37
Figura 13 - Muro da Galeria Vincent Van Gogh na Q.08	37
Figura 14 - Grafite sobreposto por pichação na parada de ônibus da Q.8 em frente a Q.6	37
Figura 15 - Grafite sobreposto por pichação na parada de ônibus da Q.8 em frente a Q.6	38

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por finalidade tratar sobre o tema que contempla o interesse de vários segmentos da sociedade pela sua relevância no que tange a sua penetração e interferência no cotidiano das pessoas. A pichação e o grafite constituem a forma de expressão mais comum nas paredes e muros das cidades brasileiras.

Este estudo está estruturado na apresentação do tema delimitando sua influência e importância. Organizado em tópicos estabelecendo uma sequência que se orienta da seguinte forma: O contexto da pichação e do grafite no Brasil; Pichação e Grafite, um breve histórico; A pichação em Brasília; O movimento cultural em Sobradinho e a pichação; CEF 05: Pichação e grafite no espaço escolar; Uma ideia apareceu no portão da escola e As definições metodológicas da pesquisa; Galeria virtual.

Começando por demonstrar o contexto do grafite e da pichação no Brasil a pesquisa buscou compreender as características sociais e sua legitimação. Com uma breve visão histórica do grafite e da pichação no Brasil, encaminhou-se o entendimento de suas bases históricas, verificando processos de assimilação por parte da sociedade e sua respectiva popularização nos espaços urbanos.

O tópico que trata da pichação e do grafite em Brasília aborda o período histórico sobre o processo de difusão a partir do surgimento da cidade e seus respectivos movimentos sociais, culturais e políticos Além de tratar sobre o avanço da pichação paralelo ao surgimento de novas cidades na periferia de Brasília.

Após a compreensão do percurso histórico do grafite e da pichação em Brasília, o estudo é direcionado a compreender os respectivos percursos na cidade de Sobradinho, região administrativa, próxima a capital, verificando detalhes da cultura local que favoreceram a disseminação de obras de arte públicas, do grafite nas paradas de ônibus e as pichações espalhadas por toda cidade.

A pesquisa é direcionada a abordar o projeto pedagógico sobre a pichação e o grafite no ambiente escolar e nas áreas próximas à escola. Este projeto foi realizado no mês de maio de 2012, na cidade de Sobradinho, no Centro de Ensino Fundamental 05, escola da rede

pública de ensino do Distrito Federal, que atende alunos, em sua grande maioria, residentes nas proximidades.

Esta escola foi escolhida por encontrar-se geograficamente próxima às produções artísticas públicas, estar em local de grande fluxo de pessoas e situada em frente a uma via pública que possui diversas paradas de ônibus as quais estão em sua totalidade, pintadas e/ou pichadas.

A proposição do trabalho pedagógico com os alunos está dividida de forma a estabelecer uma conexão com diversas áreas visitadas para a coleta de imagens sobre o tema em questão. Tal proposta enfatiza o envolvimento dos alunos participantes, propondo um trabalho investigativo e criativo, delimitando ações quanto ao estudo teórico/prático por meio de pesquisa utilizando internet, bem como de campo, além da concepção do trabalho artístico.

Utilizando como metodologia a Abordagem Triangular proposta por Ana Mae Barbosa, o estudo visa conduzir os alunos à investigação a partir de aproximação do tema à realidade da escola, observando as possíveis ligações existentes entre a conduta dos alunos quanto à valorização dos espaços e a existência da pichação e do grafite no interior do perímetro escolar.

A abordagem triangular pressupõe a existência de três momentos de grande importância para o processo de pesquisa, a tríade que permite ao aluno compreender a obra de arte, em qual contexto foi elaborada, observando as dimensões da época de sua produção e as pessoas envolvidas, para estabelecer correlações entre períodos distintos acerca da produção da obra, estudo dos materiais usados e seus processos de realização. É preciso compreender a interligação entre cada fase e suas derivações.

O desfecho da pesquisa se encaminha após a pesquisa de campo e respectiva coleta de imagens para a produção da galeria virtual, como fruição do diálogo entre o contexto geral da cidade de Sobradinho, o contexto particularizado da escola, o Centro de Ensino Fundamental 05 e a compreensão dos alunos envolvidos na pesquisa sobre os diversos aspectos da cultura e da arte diante da dinâmica contemporânea que se verifica nas áreas urbanas.

CAPÍTULO 1

1.1 O Contexto da Pichação e do Grafite

O grafite¹ e a pichação tornaram-se, nos últimos 20 anos, elaborações visuais que se intensificaram nas diversas áreas urbanas, difundindo-se em todo Brasil em ruas, becos, praças, monumentos, pontes e fachadas de prédios. Na região de Brasília, o fenômeno é recorrente em todas as regiões administrativas e no centro da capital. Como ocorre no restante do país os espaços e áreas afetadas são, preferencialmente, as que possuem maior visibilidade para o público que transita pela cidade diariamente.

O graffiti e a pichação são formas de linguagem marcadas pela heterogeneidade e pela sobreposição e interpenetração de elementos, o que em certa medida é um reflexo do modo mesmo como ocorrem, isto é, em meio às mais variadas interseções sociais e sempre potencialmente abertos a novas interferências. (PENNACHIM, 2003, p.5).

Do ponto de vista histórico, a pichação e o grafite são formas de comunicação que podem ser referenciadas em uma herança da pré-história, quando consideramos as inscrições rupestres que foram gravadas nas cavernas. Contudo, os cenários e as formas para estas inscrições foram mudando conforme o desenvolvimento de novas proposições técnicas e culturais de cada período da história humana. Atualmente, o uso do spray e a pintura com rolos são as formas mais comuns de encontrarmos nas paredes, pois se adequam às necessidades pela rapidez e facilitam a fuga da polícia como é o caso dos pichadores.

As superfícies onde se aplicam as gravações são comumente localizadas em áreas de grande visibilidade, mas ocorrendo também em locais de difícil acesso, como galerias pluviais e estruturas de pontes. São fatos que para muitos revela a audácia dos pichadores que chegam até escalar altas paredes de edifícios para imprimirem suas marcas.

Observa-se que existe uma tendência por parte da população em equiparar a ação de um pichador à de um grafiteiro, mas é perceptível a distinção de suas finalidades e suas abordagens. Para o pesquisador da UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul,

¹ Grafite ou graffiti (italiano) - Desenho, inscrição, assinatura ou afim, feito com tinta, geralmente de *spray*, feito em muros, paredes e outras superfícies urbanas.

Valdemar Schultz (2010, p.3) “nos meios de comunicação, geralmente, a pichação é considerada uma *praga urbana* e é sinônimo de *vandalismo*, atividade que ameaça o patrimônio público e privado”, enquanto que para Ramos (2007, p.1268) “os grafites constroem e valorizam espaços, fazem-nos perceber novos espaços, contam enredos das diferentes subjetividades e suas vivências cotidianas não comprometidas com a história oficial”. Desta forma, esta diferenciação impõe uma situação controversa ao constatar-se que em ambas as situações há de fato, o processo de intervenção visual desencadeado no percurso urbano, exógena à estrutura visual proposta inicialmente.

A dinâmica exercida no cotidiano pelos interventores visuais nos centros urbanos vem promovendo um processo, afetando drasticamente o contexto e o padrão estético das cidades, mediante as ações de grupos organizados ou indivíduos que atuam intensivamente realizando pichações e o grafite em menor escala.

Segundo a legislação brasileira, o grafite e a pichação foram considerados atividades ilegais, constando na Lei Ambiental 9.605 de 12 de fevereiro de 1998, sancionada pelo então Presidente da República Fernando Henrique Cardoso, ambos constituem crimes contra o meio ambiente. Dessa forma, o anonimato parece ser conveniente aos interventores, facilitando o enfrentamento às regras ditadas na lei e o senso comum que os identificam como vândalos, mas recentemente, em 25 de maio de 2011, foi publicada a Lei 12.408 alterando o art. 65 da Lei 9.605, para descriminalizar o ato de grafitar.

A difusão deste tipo de manifestação visual remete aos questionamentos sobre a diversidade e o propósito destas condutas, como prática espontânea de determinados grupos, sob uma pretensa vertente artística ou apenas manifestação inconsequente, de um movimento demarcatório de espaços com sinalizações visuais específicas, como é o caso da pichação.

O grafite, conforme sua apuração técnica e sua proximidade com o contexto social ganha notoriedade e status de arte contemporânea, no momento em que coloca como possibilidade de expressar uma dimensão crítica do mundo atual que, de forma complexa, se mescla aos diversos contextos urbanos. São intervenções aleatórias envolvendo espaços públicos e áreas particulares. Os grafites vêm despertando a atenção, provocando discussões e comentários favoráveis a sua existência e sua pertinência pelo fato de tomar um caminho diferente ao da pichação. Este, contudo, enfrenta as dificuldades naturais decorrentes dos locais de sua exibição, as ruas.

Para Schulz (2010, p.6), “o sujeito educado, civilizado e universal, somente subsiste diante de sua negativa, o desajustado, perverso e intolerável. Essa contraposição entre

civilizado e incivilizado vem acompanhada das figuras morais do sujeito *bom e mal*” o que podemos perceber quando a sociedade repudia a figura do pichador e começa a valorizar o trabalho do grafiteiro, até mesmo para tornar aceitável e legal uma prática que poderia levar o pichador para a cadeia.

Muitas manifestações de populares se opõem à presença da pichação nas ruas, que é *demonizada* de forma geral. Mas, independentemente do gosto ou do apelo popular, estas continuam ocorrendo continuamente, pois são produzidas efetivamente na ausência do espectador, durante as madrugadas. Em contrapartida existem grafiteiros que se popularizaram nas grandes metrópoles produzindo trabalhos que são atrações em fachadas, túneis e viadutos como é o caso de Zezão, Titi Freak e dos irmãos identificados como Os Gêmeos, que já alcançaram reconhecimento internacional.

É possível também perceber que o grafite vem sendo usado mais acentuadamente nos últimos anos, como recurso de criação e propagação de marcas comerciais em campanhas publicitárias, demonstrando seu processo de midiaticização e aceitação pública.

A estética do grafite (...) está cada vez mais inserida nas artes plásticas e na sociedade. Prova disso é que os grafiteiros não param de ser chamados para aplicar seu talento em revistas, exposições em galerias e anúncios publicitários. Recentemente a Ellus contratou 20 artistas para colorir os outdoors de sua campanha de inverno. E o inusitado é que, em vez de produzir os cartazes no estúdio, eles criaram ao vivo, nas ruas de várias cidades do País, exatamente como o grafite é feito. (Vilas, 2004)

O site istoe.com.br da revista *Isto É Independente* aborda a questão do grafite ter se popularizado e ganha espaço no mercado publicitário atendendo empresas internacionais, com campanhas de forte apelo ao público jovem demonstrando a inserção de artistas do grafite brasileiro no mercado nacional.

Escolas públicas, convenientemente, deixam seus muros liberados para o trabalho de grafiteiros que ali estampam suas criações. Esta é uma forma de minimizar o conflito existente no interior das escolas, sendo estas comumente vítimas do vandalismo das pichações que cobrem suas paredes. O grafite acaba por ofertar ao estudante uma forma de expressar sua visão e criatividade, ocupando o espaço anteriormente usado por pichadores.

Nesse contexto, a escola encontra, dentro dos seus limites, condições para enfrentar o problema que convive diariamente em seus corredores, não podendo se furtar de uma “solução caseira” que é a de disponibilizar de seus muros aos grafiteiros como forma de desestimular a pichação na escola. O convívio com os grafiteiros passa a ser pertinente diante da evidência concreta de que muitos estudantes fazem parte de gangues de pichadores e que a

própria escola é um local de confronto e de disputa de espaço. As pichações expõem claramente os domínios existentes dentro e nos arredores da escola onde são verificados os flagrantes de pichadores.

O grafite e a pichação identificam-se – não exclusivamente – com a camada de jovens e adolescentes de áreas mais periféricas. É forma de expressão artística produzida na rua, de forma heterodoxa, divulgando aspectos pitorescos da cena urbana, da cultura alternativa e se alia à própria conduta social, agregando elementos de comunicação como a música e a dança de rua: o movimento *hip hop*, como um canal viável que expressa o modo de vida.

O estudo do tema no contexto escolar permite uma discussão rica do ponto de vista do reconhecimento do jovem adolescente, este vivencia em sua trajetória pessoal e social um processo de comunicação visual a partir da linguagem e da simbologia disponibilizada na pichação e no grafite, interferindo diretamente em seu percurso. O jovem absorve, vivencia o contexto e a mensagem, e em grande parte é cooptado pela vontade de pichar porque expressa a linguagem e a visibilidade do seu mundo real, paradoxalmente ao mundo encontrado na mídia moderna que trata da sofisticação, do consumo, da praticidade e do conforto.

Favareto (2010, p.229) afirma sobre “a necessidade de se pensar a arte na escola no horizonte das transformações contemporâneas” e que isso implica repensar o sujeito diante das mudanças no saber e no ensino. Ora, tais mudanças batem à porta de nossas escolas porque caminham pelas ruas cotidianamente. Os fenômenos da pichação e do grafite são exemplos pragmáticos de que a escola necessita dar atenção – e para isso precisa buscar compreender – a necessidade de certos alunos de se expressarem por meio da pichação e do grafite.

Barbosa (2005), ao trabalhar com a abordagem triangular, fomenta em seus estudos a vivência, a interpretação e mais ainda, a rica possibilidade de contextualizar os conhecimentos durante o processo criativo. Sendo assim, a aplicabilidade deste método de trabalho pedagógico nos permite estabelecer algumas destas diretrizes que norteiam este trabalho como um todo, desde a apresentação do tema, análise e o desfecho com a vivência artística.

A arte na contemporaneidade conquista outros espaços e se distingue a partir das intervenções estampadas no concreto das ruas estabelecendo novo diálogo com a cultura de massas, já não é mais definida apenas pelos padrões estéticos convencionais e sai dos museus e galerias para as superfícies urbanas. “Esta interpenetração do culto com o popular gerou uma nova forma de arte que não se define mais a partir desse parâmetro” (Bueno, 1999,

p.263), as intervenções do grafite resultam de um entrosamento com o modo de vida urbano contemporâneo.

A pichação também resulta dos processos de vida no meio urbano que se difere pela sua proposição e sua propagação quase sempre anônima, é uma forma de expressão juvenil, fenômeno social que caminha com as mudanças da sociedade. Está presente em nossas cidades e vem se recriando com o passar dos anos.

(...) Hoje a pichação² foi tomada por crianças, novatos e pessoas que fazem somente para aparecer, não tem ideal, não tem uma ideia sadia, querem ter moral na escola, pegar fama e as minas, ou seja, a pichação se tornou apenas um meio mais rápido de adquirir isso, e não como era antigamente, uma competição sadia, aonde os melhores e maiores se destacavam por pixar tudo, pelas letras, cores, frases, emboladas, o que vinha depois disso, era apenas consequência e não meta ou alvo maior. (Faro,2011).

A entrevista que o ex-pichador Faro dá ao blog Os Piores, site dedicado a divulgar a pichação no Distrito Federal, revela a demarcação de espaços entre jovens e até crianças. Está presente na escola em que jovens, muitas vezes em sua rebeldia, buscam esta trajetória para contemplar suas aspirações pessoais e se destacar perante o grupo.

Contudo, não se posicionou como um artista, antes fez uso da pichação como um meio de convívio social, uma atividade estrita das suas relações diárias, revelando um processo antagônico entre um suposto status e o risco consequente de todas as ações.

As autoridades governamentais do Distrito Federal, ao entenderem que a pichação resulta em grave potencialização do jovem para o mundo da criminalidade, optaram por realizar um projeto educativo destinado a combater a interferência ácida dos pichadores e o suposto envolvimento com drogas e a criminalidade.

Este programa se baseia em resgatar a autoestima dos jovens que se envolvem e se dedicam à pichação. Trata-se do “Projeto Picasso não pichava”³ criado em 1999, buscando trilhar o caminho do convencimento, propõe como alternativa à pichação, o grafite, como um processo educacional e de inclusão social. Apropriar-se das habilidades preexistentes a partir do uso do spray, instrutores trabalham na motivação para o desenvolvimento de um processo de construção da cidadania individual e coletiva aproximando o jovem de habilidades artísticas.

² Pichação – forma de escrita adotada pelos pichadores. Expressam na grafia, um elemento de resistência, conforme a revista O Viés em <http://www.revistaovies.com/reportagens/2012/07/a-pixacao-e-a-ordem-das-aparencias/>

³ Picasso não pichava: Disponível em <http://artnarua.blogspot.com.br/2011/11/projeto-picasso-nao-pichava-brasilia.html>> Acesso em 22/03/2013.

O programa busca inserção ocupacional e desenvolvimento de habilidades para o trabalho o qual o grafite é instrumentalizado como meio de geração de renda, pois são jovens que normalmente são oriundos de áreas carentes. Embora se perceba o envolvimento com a atividade artística seu objetivo principal é diminuir a criminalidade entre jovens envolvidos com gangues e a delinquência juvenil no Distrito Federal, conforme consta no site da Secretaria de Segurança Pública do DF⁴.

1.2 Grafite e Pichação, um breve histórico

A arte contemporânea encontra na diversidade humana as inúmeras manifestações de artistas criadores que trilham no caminho da contestação, da crítica ao mundo moderno, propondo novas vestimentas. Enquanto a pichação é tida como vandalismo e submete ao anonimato, o grafite encontra seguidores que despontam com seus trabalhos em diferentes lugares do mundo. Esta é possivelmente uma forma de podermos verificar a sua popularização e grande aceitação.

Nos anos 60, com a radicalização política, os jovens secundaristas e universitários da classe média pichavam os muros das cidades com intuito de expor suas opiniões e protestos. Percebe-se, em frases como “abaixo a ditadura”, o contexto politizado que os estudantes expressavam. Era parte das ações de grupos que se colocavam contra a repressão do regime político vigente. As cidades como Rio de Janeiro e São Paulo foram palcos de inúmeras pichações e depredações nesse período.

Durante os anos 70, os jovens começaram a formar grupos e usar as pichações como forma de se identificarem publicamente com inscrições próprias, criando marcas e símbolos. As mensagens deixadas passaram a ser codificadas remetendo à criação de uma imagem própria daquele grupo, diferentes das dos estudantes que pichavam segundo um determinado contexto. Neste caso, não há uma ação direta com relação ao panorama político, nem uma proposta de comunicação com a sociedade. Segundo Bueno (1999, p.262) “Ao contrário da década anterior, não tinham intenção política, nem pornográfica. Não dialogavam com a sociedade, eram apenas um sistema de comunicação dos garotos entre eles”. Resultado da cultura das grandes áreas urbanas, este processo continuou se alastrando pelas cidades

⁴ Normas do programa *Picasso Não Pichava*. Disponível em: <http://www.ssp.df.gov.br/servicos/programas-comunitarios/picasso-nao-pichava/275-conheca-o-projeto.html> - Acesso em: 26/07/2013.

brasileiras, numa forma de interação entre os jovens que ali se expressavam independentemente e alheios aos modelos de comunicação tradicionais, o rádio, a televisão e os jornais.

No final dos anos 1970, o artista Alex Vallauri – pioneiro no grafite brasileiro – produziu o grafite de uma bota preta, de salto fino e cano longo. Em seguida, enviou aos amigos, cartões postais com as imagens de edifícios históricos que possuíam a intervenção do grafite da bota, exibindo frases anunciando a invasão da bota preta. “Para ele, a forma de comunicação que mais se aproxima do seu ideário de arte para todos” (VASSÃO E PONTES, 1998). Este processo de intervenção se diferenciou dos demais por criar uma nova expectativa junto ao público que observava o grafite nas paredes dos prédios. Não era uma pichação comum contendo inscrições politizadas e nem era uma pichação que identificava uma gang de bairro. Havia ali um propósito maior que buscava introduzir uma comunicação do artista diretamente com o povo em seu ambiente cotidiano, a rua. Eram as manifestações da *Street Art* brasileira.

Ao longo dos anos 80 e 90, o grafite e a pichação são largamente influenciados pela cultura urbana norte-americana. Com o movimento hip hop e o break dance, jovens demarcavam seus territórios por meio da pichação, criavam seus elementos visuais para identificarem-se e promover um avanço de seus limites entrando em bairros distantes, pichando no alto dos edifícios, monumentos, praças e pontes, usando nomes em códigos, *tags* suas marcas pessoais ou dos seus respectivos grupos.

Alguns destaques internacionais do grafite também exercem influência no grafite brasileiro como Jean-Michel Basquiat, nascido no Brooklyn em Nova Iorque, ganhando notoriedade como o poeta do grafite e Keith Haring que difundiu seu trabalho largamente, no metrô nova-iorquino. Ambos produziram intensamente ao longo década de 80, além do inglês Banksy que, a partir dos anos 90 surge com grafites característicos pela mensagem politizada e a crítica contra a ordem mundial contemporânea.

O grafite passa a incorporar a paisagem urbana de uma forma mais intensa e concorre com os pichadores por novos espaços. Isso revela um confronto ocorrendo ataques de pichadores sobre os trabalhos feitos por grafiteiros como revela a reportagem do Destak⁵ (2008) “a guerra declarada pelos pichadores contra os grafiteiros quebrou a lei máxima da arte

⁵ Destak: Jornal eletrônico fez matéria sobre o ataque de pichadores em São Paulo em outubro de 2008 – Disponível:< <http://www.destakjornal.com.br/noticias/diversao-arte/pichadores-destroem-pinturas-de-grafiteiros-3719/>> Acesso em 12/04/2013.

de rua: pintar por cima do trabalho do outro, ou ‘atropelar’, como dizem. Um dos marcos do grafite na cidade desde os anos 90, o Beco, na Vila Madalena, foi o principal alvo do ataque”.

Há um processo de reconhecimento dos grafites e os interventores identificam-se como artistas urbanos. Muros e paredes grafitadas, interfaces de seus trabalhos passam a receber a assinatura de seus interventores.

A partir dos anos 90 até a atualidade, artistas como Zezão e Daniel Melim são conhecidos na cidade de São Paulo pelos trabalhos realizados em diversos pontos como becos e fachadas de prédios, distinguindo-se das pichações convencionais, imprimindo características mais elaboradas em seus trabalhos. Estes passaram a receber convites para participarem de eventos internacionais em cidades como Nova York, nos Estados Unidos e Londres, na Inglaterra.

Zezão afirmou ao site Pence.Fundamental (2009) que sempre gostou das ruas, “queria deixar a cidade mais bonita” e ainda aponta para quem destina seus trabalhos: “sempre pintei para as pessoas da rua. Pessoas como mendigos, gente de albergue que não tem condições de comprar arte.” A arte de rua é uma elaboração que está inserida no cotidiano das pessoas, no local por onde passam diariamente, fazendo parte de suas vidas, sejam elas de qualquer classe social, que passam a ser espectadoras em algum momento.

Os artistas que buscaram o grafite como uma técnica de trabalho são vistos hoje com destaque, pois suas obras afetam a paisagem urbana e se comunicam diretamente com o público, pessoas que transitam pelas cidades diariamente. Os grafites, de forma geral, alteram a composição visual que foi estabelecida na construção das ruas e avenidas.

Estes artistas produzem uma temática contemporânea ao grafitarem as paredes. De alguma forma passam a compor um cenário urbano e se acomodam na percepção visual das pessoas.

Dessa forma, e para situar a percepção sobre o assunto, o grafite tem tido sua visibilidade potencializada e os próprios grafiteiros fazem uso desse recurso para divulgar seus trabalhos, onde a rua acaba se tornando uma galeria acessível a todos e a qualquer hora.

No Museu Aberto de Arte Urbana em São Paulo, grafiteiros paulistanos usaram as pilastras do metrô na Avenida Cruzeiro do Sul, na zona norte de São Paulo, para criarem uma galeria a céu aberto.



Figura 1- Grafiteiros fazem pinturas nas pilastras do metrô na Avenida Cruzeiro do Sul, Zona Norte de São Paulo. Fonte: <http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/4746-grafites>.

A repórter Juliana Granjeia⁶ (Folha de São Paulo-2011) destaca que o projeto surgiu depois da prisão de onze artistas que grafitavam o mesmo local no início de 2011. Esta ação só foi possível após acordo com a prefeitura e o metrô de São Paulo que patrocinaram os *sprays*. A prisão de pichadores e grafiteiros é uma situação recorrente nas cidades e neste caso, que teve uma grande repercussão e visibilidade, culminou no apoio da opinião pública. A ação dos grafiteiros, ao trabalharem coletivamente exibindo suas criações em um local extremamente frequentado, teve um impacto positivo corroborando com outras iniciativas de grafiteiros, empresas e galerias de arte que começam a apoiar alguns eventos e criações, como forma de incentivo e de transformar também a atividade em algo lucrativo.

Como exemplo, é interessante citar os irmãos Gustavo e Otávio Pandolfo, mais conhecidos como *Os gêmeos*. Os irmãos são personalidades reconhecidas em várias partes do mundo com grafites, instalações e projetos visuais de grande impacto midiático.

Em 2009 eles fizeram um grafite em um edifício do vale do Anhangabaú, no centro de São Paulo, intitulado “O Estrangeiro” como parte das comemorações do Ano da França no Brasil, criado para ficar exposto enquanto o prédio aguardava o processo para sua demolição. No início de 2012, o grafite foi apagado, embora fosse um acordo entre os artistas e a Comissão de proteção à Paisagens Urbanas da prefeitura de São Paulo - CPTU, mas ainda

⁶ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/984782-grafiteiros-criam-museu-aberto-de-arte-urbana-em-sao-paulo.shtml>> Acesso em 12/04/2013.

assim, gerou protestos dos espectadores e admiradores da obra nas redes sociais. Este pode ser considerado um marco de aceitação ao grafite no país.



Figura 2 - O Estrangeiro - de Os Gêmeos. Fonte:
<http://maribrizotto.wordpress.com/tag/os-gemeos/>

CAPÍTULO 2

2.1. A Pichação em Brasília

Em Brasília, ao longo dos anos, a pichação também passou por momentos semelhantes aos centros urbanos do Rio e São Paulo. Os estudantes da Universidade de Brasília e das faculdades particulares realizavam seus protestos por meio da pichação. Era um contexto politizado entre os anos 60 e 80, com o final da ditadura militar e as transformações urbanas.

A pichação também repercutiu de forma diferente para os jovens das periferias conhecidas como cidades satélites de Brasília. Eles usavam os muros das casas, as fachadas e as portas dos comércios para estamparem seus *pixos*⁷. Foram também influenciados pela mídia norte-americana com o movimento cultural *hip-hop* e o *rap* – seus estilos musicais. A formação de gangues e o respectivo confronto são percebidos nos registros, em suas inscrições. As *tags*, suas assinaturas pessoais, começam a surgir e identificam seus propositores que muitas vezes se mantêm de forma oculta, pois sabem que são considerados criminosos.

Com o crescimento populacional paralelo à criação de novas cidades, a partir do final dos anos 80 e mais intensamente no início dos anos 90, a concepção urbanística foi modificada passando a contemplar novos assentamentos urbanos, bairros e cidades, com ou sem planejamentos específicos. A realidade dos assentamentos foi consolidada com objetivo de abrigar moradores com baixo poder aquisitivo, oriundos de invasões e loteamentos irregulares.

Grande parte dos pichadores é habitante desses novos assentamentos, espalhados por todo o Distrito Federal, que depois se transformaram em cidades – as novas regiões administrativas de Brasília. Atualmente, os jovens que transitam nessas cidades e se relacionam a partir da cultura de rua, têm no movimento hip hop, a sua fala, o seu jeito de se expressar. Estes jovens encontram na pichação uma linguagem própria de auto identificação com seu grupo, que está explícita nas ruas, terrenos baldios, muros de escolas, prédios públicos e toda superfície possível de ser pichada pode receber suas marcas.

⁷ Pixos - forma escrita pelos pichadores – disponível em:
<http://humildeirresponsabilidade.wordpress.com/2012/04/15/quer-saber-como-funciona-a-pichacao/>

No site youtube.com existem diversos flagrantes de pichadores exibindo seus feitos. Um vídeo postado em 2010, intitulado “A maior pichação de Brasília-DF. Bonos flash gsl”, postado por GSLNO COMANDO⁸, apresenta uma pichação que cobria toda extensão de uma das paredes do “buraco do tatu”, viaduto que passa sob a rodoviária de Brasília. Nos comentários sobre o vídeo, percebe-se claramente a rivalidade entre os pichadores de Brasília. Rivalidade que ultrapassa as fronteiras do Distrito Federal alcança os pichadores de São Paulo e se mostra quando um internauta identificado por “Nas jr” posta:

“@MrGAMBT MAN CALA BOCA VC NUNCA VEIO PRA SP NE? KKKKKKKKKKKK ENTAO VOCE AINDA NAO SABE NADA SOBRE PIXAÇÃO, AE EXISTE GRIF? AE EXISTE POINT? VOCE NAO FAZ ROLE NEN D PE NAS COSTA E QUE CRITICAR PIXAÇÃO DE SP, MAN CALA BOCA, O DIA QUE ESAS GRIF DE CRIANÇA DAE SUPERA AS DE SP VAI SEO FIM DO MUNDO ISSO AE NUNCA VAI SUPERA OS RGS, OS +IM , e etc... PESQUISA AE NO YOUTUBE NO ORKUT MESMO OS RGS, PROCURA NO GOOGLE MESMO OS RGS, E VOCE VAI VE O PREDIO DOS RGS CADE LETRA 8 ANDARES ;] FLW BAFO⁹” (sic).

É uma forma de comunicação que demonstra a rivalidade entre pichadores de Brasília e São Paulo. Em outros comentários na mesma página, as provocações se repetem e dão conta que se trata de uma espécie de competição na qual o melhor é aquele que picha um local mais alto ou um espaço maior e com maior dificuldade.

A pichação neste caso, não é vista sob o aspecto estético, se está incomodando ou agradando aos moradores ou visitantes, que se tornam apenas espectadores deste tipo de ação. Silva (2013), em seu artigo para a agência UNB, vai mais além quando se refere aos pichadores que atuam sobre o patrimônio cultural de Brasília:

Brasília, patrimônio cultural da Humanidade, é um exemplo do que Jean Baudrillard denominaria *desemiópolis*: a *polis* como suporte de signos, especialmente os estéticos. Assim o é com a Capital brasileira, mas também impiedosamente maltratada por recalçados que descarregam sobre placas, paredes e até obras de arte toda uma sorte de códigos, mais enigmáticos do que os petroglifos das cavernas, talvez porque àquela época inscrever pré-escritas não correspondesse a linguagens de gangues. (Silva, 2013)

Sua fala demonstra a preocupação com a depredação de vários prédios, e obras que foram construídas a céu aberto, uma característica de exposição do patrimônio artístico de Brasília, que em muitos momentos recebe ataques dos pichadores, além de vândalos que

⁸ vídeo: <http://www.youtube.com/watch?v=U2PXHZFi9I8>. Acesso em 18 abr.2013

⁹ Texto transcrito na íntegra inclusive com as letras em caixa alta

desavisadamente pregam cartazes em paradas, postes e monumentos ignorando qualquer norma proibitiva da legislação brasileira ou do IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

As cidades da periferia de Brasília também são afetadas pela ação dos pichadores, sendo muito comum as pichações ocorrerem em toda extensão das áreas centrais, locais em que o comércio e órgãos públicos se estabelecem, além das áreas internas das quadras residenciais.

Sobradinho é uma cidade que também convive com o ataque dos pichadores. Estes frequentemente avançam sobre as paredes das casas pintadas pelos moradores e sobre as portas e paredes dos imóveis comerciais, de órgãos públicos e dos muros das escolas. Fatos tão frequentes que ocasionaram uma tragédia em 2008 quando um adolescente foi assassinado em Sobradinho II após ser flagrado pichando uma residência.

2.2 Movimento Cultural em Sobradinho e a Pichação

A atividade cultural de Sobradinho é realçada com as atividades dos artistas plásticos, que a partir anos 90 deram início a um movimento apoiado pelo governo local. A pintura das paradas de ônibus, conduzida pelos principais artistas da cidade que se organizaram e transformaram os pontos de ônibus em obras de arte. Nesse período, a população vivenciou um movimento conhecido como “Sobradinho Cidade Arte” e desde então, as paradas são costumeiramente pintadas por artistas da cidade. “Sobradinho é um celeiro cultural do Distrito Federal. Aqui nós temos artistas das artes visuais, do cinema, músicos, escritores, dança e teatro” segundo Toninho de Sousa no site 180 Graus¹⁰.

A pintura nas paradas tornou-se um meio de divulgação para os artistas da cidade, incentivando novas gerações de artistas a adotarem um ponto de ônibus. Seja pela pintura ou o grafite todos tem a oportunidade de deixarem seus registros criativos.

Caminhar pela cidade de Sobradinho é especialmente interessante, pois esta relação das pessoas com a aparência da cidade, com estética criada ao longo dos anos é bastante

¹⁰Site de notícias divulga as atividades culturais de Sobradinho. Disponível em: <<http://180graus.com/noticias/atividades-culturais-sao-destaque-em-sobradinho-201500.html>> Acesso: 13/04/2013.

curiosa, no que tange as diversas facetas apresentadas ao olhar da população. São as paradas de ônibus pintadas ao longo da via pública, a *Praça do Seu Theodoro* com instalação de objetos de artistas da cidade; a melancia do Toninho de Souza em frente ao Tribunal Regional Eleitoral na Quadra 07, a entrada do teatro com a estátua do Nobre ou o muro da Galeria Vincent Van Gogh na Quadra 8. São elementos visuais que compõem o percurso das pessoas diariamente. Com o tempo estas coisas vão se modificando sem que as pessoas percebam.

2.3 CEF 05: Pichação e Grafite no Espaço Escolar

O trabalho em uma escola pública do ensino fundamental permite conhecer a diversidade de ideias e comportamentos sob o aspecto da coletividade. Em muitos casos, a relação conflituosa se dá pela inabilidade dos professores e gestores em abordar temáticas que geram polêmicas e afetam diretamente o processo pedagógico, como é o caso da pichação dentro dos limites da escola.



Figura 3 - Melancia do Toninho de Souza - Quadra 07. Fonte: Elaborado pelo autor

A transformação contínua que a interface urbana sofre no cotidiano nos permite observar como as pessoas convivem, percebem e valorizam a estética de sua cidade. A incorporação de padrões visuais resultantes de intervenções propostas por grupos ou indivíduos que promovem alterações com perspectivas artísticas ou não, do ponto de vista estético, evidencia um processo difuso no cenário urbano.

O Centro de Ensino Fundamental 05, escola localizada na quadra 10, região próxima da Praça do Seu Theodoro, da Galeria e da melancia do Toninho encontra-se num ponto privilegiado, fazendo com que alunos de várias quadras ao redor estudem ali.

Como as demais escolas públicas, esta também enfrenta o dilema da pichação e do vandalismo. Anonimamente, aparecem inscrições nas paredes das salas, nos muros, portas e banheiros. A única certeza que é evidente, segundo os professores e gestores, é que são os próprios alunos os causadores do transtorno.

Em 2012, no período das férias, a escola foi totalmente pintada e preparada para receber os alunos para o início do ano letivo, todos foram informados sobre a reforma e a necessidade de preservação do espaço.

Depois de alguns dias de aulas, a escola se depara com o ataque de pichadores que deixaram suas marcas nas paredes e portas dos banheiros, além do muro próximo às quadras esportivas. Esta situação provocou um momento de questionamentos sobre o investimento feito para melhorar a aparência da escola e o desrespeito ao patrimônio coletivo. A diretora informou aos alunos, entrando de sala em sala, que não haveria tolerância com alunos flagrados pichando a escola.

O fato evidenciou um detalhe importante, sobre a forma como se estava conduzindo a situação: não havia, até aquele momento, um envolvimento da comunidade escolar no trato da questão, os professores estavam alheios ao que se passava, exceto o posicionamento de um ou outro durante suas aulas.

A pichação vem sendo combatida em muitos casos com atitudes repressoras, havendo a necessidade de um trabalho de conscientização entre os alunos. O trabalho pedagógico deve encontrar caminhos para tratar a questão de forma educativa, mediando as necessidades existentes entre todos envolvidos no processo escolar.

2.4 Uma ideia apareceu no portão da Escola



**Figura 4 - Portão do Centro de Ensino Fundamental – 05.
Fonte: Elaborado pelo autor**

A apresentação do projeto de ação ocorreu como uma ideia para trabalhar a questão da pichação a partir da vivência dos alunos. A escola, inserida como está na sociedade, estabelece em seu âmbito, um diálogo com todas as interfaces sociais. Não possui soluções instantâneas para as controvérsias existentes e, muitas vezes, encontra dificuldades para articular ações eficazes ao enfrentar os problemas cotidianos que a cerca. A pichação é uma situação que vai além das ruas, caminha para dentro da escola e frequenta as salas de aulas diariamente.

Como lidar com a questão de forma coerente, sem antecipar um veredito? Normalmente, as medidas adotadas são punitivas e excludentes. Esse é um procedimento recorrente na escola pública ao enfrentar situações e problemas em que as soluções são desconhecidas. Quando não se sabe o que fazer, o caminho mais fácil é devolver o aluno para a sociedade, transferindo-o para outro turno, para outra escola.

A reflexão empreendida pela proposição de ação pedagógica era abordar o fato de existirem pichadores no ambiente escolar, discutir sobre a ocorrência da pichação e do grafite no contexto urbano, identificar as pichações e os grafites, promovendo no alunado a percepção de seu espaço e as interferências visuais existentes, reconhecendo que estas são derivadas das suas inter-relações sociais.

Para estruturar a ação pedagógica foram estabelecidos dois percursos importantes: o primeiro era a observação do espaço escolar e o segundo, a observação do caminho entre a residência dos alunos e a escola. Perímetros de pesquisa e observação que colocaram os alunos como responsáveis pelo registro quanto à ocorrência de pichações, grafites e obras de arte nas áreas públicas.

A partir das caminhadas, as imagens eram fotografadas com seus celulares ou câmeras digitais e puderam formar um panorama que cada aluno vivenciou em sua pequena jornada de observação, apropriando-se da composição imagética disposta ao longo das ruas, becos e avenidas existentes, verificando as interferências elaboradas por meio das pichações e dos grafites.

Pensando a prática educativa como algo que permite ao estudante construir maneiras de ver a si e ao mundo, a pichação não é utilizada para fixar discursos, levando indivíduos a subordinarem-se a ela, mas para desencadear interpretações que não dizem respeito apenas ao objeto, mas a um posicionamento sobre nossas relações com o mundo. (VAZ e OLIVEIRA, 2012 p.4).

A prática educativa é formalizada por normalizações previamente estabelecidas socialmente, portanto, um processo regulador de condutas e saberes. A pichação não encontra espaço de aceitação diante das etiquetas educacionais. Dessa maneira, a pichação é entendida como uma ação conturbadora que impõe uma proximidade com o caos visual que altera a esfera do certo, do bom e plenamente agradável.

No ambiente escolar, nossos estudantes confrontam essa proximidade enquanto vivenciam suas rotinas estabelecidas em diversas regras. Fugir das regras, muitas vezes é um atrativo, um chamariz para experiências distintas que escapam ao roteiro demarcado pela estrutura educacional.

A construção da identidade e da autoestima são prerrogativas não muito fáceis de serem mensuradas na rotina da escola e as relações são, em muitos momentos, conflituosas, revelando a existência de disputas para que cada um seja socialmente aceito.

Sem desconsiderar os pesos específicos das estruturas e condicionamentos sociais, um dos princípios organizadores dos processos produtores das identidades contemporâneas diz respeito ao fato dos sujeitos selecionarem as diferenças com as quais querem ser reconhecidos socialmente. Isso faz com que a identidade seja muito mais uma escolha do que uma imposição.

Uma das mais importantes tarefas das instituições, hoje, seria a de contribuir para que os jovens pudessem realizar escolhas conscientes sobre suas trajetórias pessoais e constituir os seus próprios acervos de valores e conhecimentos que já não mais são impostos como heranças familiares ou institucionais. O peso da tradição encontra-se diluído e os caminhos a seguir são mais incertos. (Martins e Carrano, 2011, p.44).

A trajetória de cada jovem estudante se confunde com as perspectivas produzidas no ambiente escolar. O reconhecimento que cada indivíduo busca diante de seu grupo ou seus pares surge da percepção que encontra no meio em que vive. A pichação potencializa essa

forma de identidade, estabelecendo uma relação do sujeito, seu território e a exteriorização de sua marca, *tag* ou pensamento.

A pichação neste contexto, não se caracteriza como uma produção artística. É uma forma de comunicação, “significa considerar que os jovens que a praticam enunciam desejos, lugares, pensamentos e, na medida em que isso acontece no coletivo, cria-se uma rede de significados e de sentidos que permite a identificação com os grupos, os vínculos de pertença” (Martins, 2010, p.3), materializando-se por fragmentos de mensagens, códigos e condutas.

A pichação está inserida num contexto mais amplo, considerando a cidade de Sobradinho. Ela divide espaço nas ruas com os grafites, pinturas nas paradas e várias produções artísticas instaladas nas vias públicas. Está disseminada em todos os lugares, apresentando-se em menor quantidade no interior das quadras residenciais e de forma mais intensa nas áreas comerciais.

Cerca de mil pichações foram contadas entre as áreas comerciais das quadras sete, nove, dez, oito, onze, doze e central. Um número expressivo considerando que a distância percorrida não passa dos cinco quilômetros. Existem pichações sobre pichações e coincidentemente, nestas mesmas áreas existem trabalhos artísticos, pinturas e grafites nas paradas.

A poluição visual é enorme causando uma estranheza para quem passa e observa a quantidade de intervenções existentes. No caso das pinturas e grafites, estes são identificados por seus autores e são, em grande parte, produzidos em paradas de ônibus e muros escolares. Mas, o que se tem visto é que os pichadores também estão invadindo e pichando tantos os grafites nas paradas de ônibus como as obras públicas que estão distribuídas em várias quadras da cidade.

Não nos cabe propor a definição de espaços a serem pichados ou grafitados, mas o que se percebe é a intromissão dos pichadores naquilo que já se tem como consagrado pela população, as pinturas nas paradas e obras nas ruas e praças.

CAPÍTULO 3

3.1 Metodologia

Para trabalhar com o projeto de ação pedagógica foram definidas algumas etapas a serem percorridas ao longo de sua execução, realizadas da seguinte forma:

- a) Elaboração e apresentação do projeto junto à direção e coordenação pedagógica da escola escolhida, o Centro de Ensino Fundamental 05 de Sobradinho;
- b) Escolha da turma em conformidade com a disponibilidade de participação dos alunos;
- c) Apresentação do projeto aos alunos, detalhando os objetivos e etapas de trabalho;
- d) Definição do espaço de trabalho (laboratório do NTE - Núcleo de Tecnologia Educacional) para produção e reuniões com a equipe do projeto;
- e) Organização de oficinas para pesquisas na internet, fotografia, transferência de imagens para o computador e apresentação de slides;
- f) Pesquisa de campo, coleta de imagens por meio de câmeras e celulares;
- g) Reflexão sobre o tema, comentários sobre as experiências na pesquisa e debates.
- h) Organização do material de pesquisa e produção do material de apresentação.

3.2 Iniciando o projeto

O primeiro contato ocorreu a partir de uma conversa com a equipe de direção do Centro de Ensino Fundamental 05 de Sobradinho, solicitando apoio ao desenvolvimento de um projeto interventivo com alunos do turno matutino sobre a temática da pichação e grafite. Prontamente, houve a indicação da turma da sexta série “D”, pois alguns alunos estavam sendo investigados por pichação nos banheiros e muros da escola.

A proposta condicionou a participação no projeto por adesão de interessados, devido à necessidade dos alunos se deslocarem para a escola, em horário contrário das aulas para participação nas atividades propostas.

Inicialmente, houve a premissa de que o professor de arte da turma participasse do projeto, acompanhando os passos da pesquisa, estabelecendo um diálogo com a disciplina em seus aspectos curriculares, mas naquele período o professor encontrava-se com problemas de saúde e afastou-se por alguns dias para tratamento.

A pesquisa ocorreu ao longo do mês de maio de 2012, com encontros agendados para organização, acolhimento, motivação, oficinas, coleta do material fotográfico, debates, estudo e elaboração da apresentação final.

Os encontros foram agendados observando a disponibilidade dos alunos para se reunirem em turno contrário, com duração de duas horas aulas, para melhorar o envolvimento de cada um na pesquisa.

A sala de informática do Núcleo de Tecnologia Educacional de Sobradinho, instalada na mesma escola, foi o ponto de encontro para reuniões e trabalhos acerca da pesquisa, pois possuía equipamentos de informática necessários para aplicação e desenvolvimento das oficinas, espaço para reuniões, além da disponibilidade de horários para os encontros.



Figura 5 – Grafite na parede do NTE realizada por jovens integrantes do “Programa Picasso Não Pichava”

A partir da delimitação do tema Pichação e Grafite, do perímetro de observação, foi possível estruturar um trabalho para ser desenvolvido no ambiente escolar. Com a participação efetiva dos alunos interessados, estabeleceu-se uma relação de parceria, houve o entendimento de que o eixo da pesquisa delineava a perspectiva de que o aluno deveria observar o trajeto que compreendia a sua residência até o espaço escolar. Espaços esses, pertencentes ao convívio cotidiano desses alunos.

Os encontros eram conduzidos a partir de conversas abertas sobre a visão de cada um, sobre o espaço escolar e as intervenções visuais feitas pelos próprios alunos, quais eram as motivações e como que eles as percebiam.

Nesses momentos, cada um expressou sua posição sobre o aspecto visual das paredes, muros e mobiliários da escola, sobre o conceito de arte e sua significação, além de abordarem sobre a eventual participação em algum momento, realizando pichações ou grafites. A partir desta sensibilização e reflexão coletiva, foram definidas as estratégias iniciais para a aproximação no trabalho de pesquisa.

A pichação e o grafite estão presentes na vida dos adolescentes. Esse tema favoreceu a participação de todos no debate, ao ponto que as opiniões começaram se dividir entre aqueles que não se opunham e aqueles que eram contra a pichação e viam o grafite como uma opção democrática para divulgação dos artistas locais.

Para avançar alguns passos na pesquisa foram apresentados os trabalhos dos grafiteiros conhecidos e divulgados na internet, os *Os Gemeos*: Gustavo e Otávio Pandolfo. Esta abordagem tratou sobre sua atuação nas ruas, a produção artística e a postura enquanto artistas contemporâneos para estabelecer um link com a produção de arte no espaço urbano, quais mecanismos utilizados e a sua incorporação na estética urbana.

3.3 A internet como ferramenta aliada na pesquisa

Com o auxílio da internet os estudantes realizaram pesquisas sobre as intervenções visuais e respectivas transformações do espaço urbano, recorrentes em várias regiões, a partir da pichação e do grafite. Desta forma foi possível estabelecer alguns pontos comuns entre as várias cidades brasileiras e a realidade da cidade de Sobradinho. Assim, conhecendo estes pontos convergentes e divergentes buscou-se abordar de forma crítica o aspecto estético dado aos ambientes públicos das cidades e quem são os envolvidos.

Durante as pesquisas na internet foi sugerido inicialmente os *sites* de busca *google.com* e o *yahoo.com.br*. Após explicações sobre os procedimentos iniciais foi sugerida a inserção de palavras ou frases relativas ao tema e estas foram pesquisadas. Dessa forma cada um poderia encontrar seu percurso na pesquisa de forma livre e independente. Foi

sugerida a leitura de jornais e *blogs* sobre o tema como forma de verificar o contexto local, regional e a atualidade das informações.

3.4 Oficina para edição de imagens

Com objetivo de transmitir os conceitos teóricos e práticos sobre os softwares de tratamento e edição de imagens, ocorreu um treinamento rápido nas dependências no Núcleo de Tecnologia Educacional com duração de uma tarde.

Os alunos utilizaram os softwares *Paint.net*, *Gimp* e o *Paint* para edição e montagem das fotos e tratamentos da imagens que foram coletadas ao longo da pesquisa de campo.

Na sala de informática os alunos demonstraram suas habilidades ao manipularem os softwares, superando as expectativas, pois os mesmos informaram que nunca haviam utilizado nenhum software para editar fotos. Desta forma os resultados esperados foram atingidos com grande rapidez, dando aos alunos liberdade para que pudessem acessar o laboratório em outros momentos e dar continuidade ao projeto de forma autônoma.

3.5 Pesquisa de campo e o processo de análise do material

Após as etapas de apresentação e debate entre os alunos, o próximo passo foi um momento de caminhada no interior e nos arredores da escola identificando as intervenções, as ações realizadas pelos alunos sobre as diversas superfícies. Entendeu-se que estas intervenções visuais, seriam todas as manifestações aplicadas sobre as paredes, muros, mobiliários, portas, portões, vidros, lousa, placas, postes, pilares.

Foi efetuado basicamente um inventário das intervenções existentes no local determinado, verificando as marcas deixadas pelos alunos e por outras pessoas em suas pichações, além da observação de que se houve ou não ocorrências de ações de revitalização objetivando melhorar o ambiente.

Após a experiência da pesquisa dentro da escola, os alunos foram orientados a realizarem a pesquisa fotográfica em seus percursos diários, a partir da caminhada entre suas residências até o espaço escolar. Com a mesma atitude investigativa, os alunos foram incumbidos da coleta de informações visuais sobre o espaço urbano, as alterações contínuas, buscando detalhes das interferências existentes, tudo que pudesse ter significado na pesquisa.

A fotografia possibilitou instrumentalizar todo o trabalho, alguns alunos usaram seus celulares com câmeras, além disso, foram disponibilizadas duas câmeras digitais para serem compartilhadas na coleta de imagens. Este momento bastante significativo para a pesquisa, pela movimentação organizada, intercâmbio de ideias, movimento intenso na busca das imagens ao revelar o olhar dos alunos quanto aos impactos sofridos na área pesquisada dentro da escola e em seus percursos diários.

A quantidade das ocorrências de intervenções nas áreas de observação possibilitou vasta coleta de material, cerca de 430 fotografias, determinando um grande processo de apreciação. A leitura de imagens compreendeu um momento de abstração do aluno diante das características particulares das intervenções e da visualidade existente. Este momento implicou na formulação de uma opinião, uma avaliação, inicialmente de caráter intuitivo, mas buscando a compreensão sobre a existência de vários aspectos implícitos na concepção da imagem e suas representações.

Devemos reconhecer que a interpretação é pessoal, o conhecimento de quem está interpretando é influenciado pela sua história, suas vivências. Assim o ato de interpretar é uma combinação de intuição, inteligência e imaginação, mas que pode mudar dependendo da época e lugar. (SANTOS, 2006, p.17)

A interpretação nos permite reconhecer formas de interagir com a imagem buscando compreender a representação simbólica da realidade, diante dos valores e significados, ideias e sentimentos contidos no mundo interior e exterior.

Utilizando da proposição metodológica da abordagem triangular foi possível trabalhar na contextualização da obra de arte, a investigação trouxe para os alunos pesquisadores a necessidade de buscar entender como foi concebida cada intervenção existente no percurso estudado.

Apesar de ser um produto da fantasia e da imaginação, a arte não está separada da economia, política e dos padrões sociais que operam na sociedade. Ideias, emoções, linguagens diferem de tempos em tempos e de lugar para lugar e não existe visão desinfluciada e isolada. Construimos a História a partir de cada obra de arte examinada pelas crianças, estabelecendo conexões e relações entre outras obras de arte e outras manifestações culturais. (BARBOSA,1989, p.178)

As intervenções urbanas, são resultantes dos processos culturais que as pessoas estão inseridas, compõem parte do imaginário do artista ou de pessoas que se dispuseram a praticá-las deixando suas marcas por meio da pichação, pintura ou grafite. São representações visuais que fazem parte daquele momento histórico.

Os participantes da pesquisa puderam vivenciar estes momentos durante as caminhadas que realizaram com um olhar pesquisador, investigativo, buscando compreender os aspectos pertinentes daquela concepção visual momentânea, percebendo que a qualquer momento poderão ser modificadas pelas ações de qualquer pessoa.

A pesquisa compreendeu um processo de reconhecimento de quais áreas receberam as intervenções de grafiteiros e pichadores. Buscando verificar a existência de algum equilíbrio, alguma comunicação entre os atores, sejam eles pichadores, grafiteiros, artistas ou apenas espectadores buscando identificar as dimensões existentes.

3.6 A interpretação como movimento na pesquisa

De volta ao laboratório do Núcleo de Tecnologia Educacional, os alunos começaram um trabalho dedicado à produção artística, correspondente ao momento que permitiu-se que eles se colocassem como promotores da obra, partindo para a prática: o *fazer artístico* segundo suas percepções após a pesquisa de campo. O debate sobre os encaminhamentos foi um momento especial, que gerou algumas sugestões, como: produzir grafites nos muros da escola, criação de cartazes sobre o tema, preparar uma exposição no pátio da escola usando as fotografias, entre outras ideias. Para mediar a questão sobre o *fazer artístico* como um momento de culminância da pesquisa, evidenciou-se algumas limitações que determinaram os caminhos a serem tomados:

- a) A pintura e grafite nos muros envolveria a aquisição de material;
- b) Necessidade de autorização da direção da escola e dos professores para qualquer pintura na escola;
- c) O tempo disponível para conclusão do projeto era limitado;
- d) Inexistência de recursos financeiros para aquisição de tintas ou impressão de fotografias;

A decisão foi definida pela criação de uma exposição virtual sobre o grafite e a pichação partindo da concepção que um obteve em seu percurso de pesquisa, uma intervenção sob a ótica dos alunos.

O *fazer artístico* é um processo de ruptura de moldes e fórmulas engessadas que muitos acreditam existir perenemente. Neste fazer, as estruturas legitimadas são desfeitas, delimitando novas possibilidades, observando a arte e as ações expressivas. Também os alunos deram vazão ao ato criativo por meio de ações expressivas de caráter artístico.

O uso dos computadores do Núcleo de Tecnologia Educacional permitiu a elaboração de uma exposição abordando o tema: *Grafite e pichação - do caos visual à estética urbana*. Com a produção de uma galeria de imagens sobre pichação e grafite, pela qual cada aluno organizou sua própria exposição, elaborada a partir das fotografias obtidas no processo de pesquisa de campo, realizada no percurso entre a residência e a escola.

A exposição virtual foi elaborada tendo em vista que os alunos da escola pudessem visitar a sala de informática e verem nos computadores a exibição dos slides. A organização foi toda preparada pelos alunos pesquisadores e disponibilizada ao longo da última semana do mês de maio de 2012. Ocorrendo no horário dos intervalos, além disso, a iniciativa foi divulgada entre os professores da escola para que pudessem levar seus alunos durante o horário de suas aulas. Esta etapa contou com a ajuda dos professores do Núcleo de Tecnologia para receber os alunos durante as visitas.

O evento foi diferenciado em relação às outras atividades da escola, pois cada aluno visitante escolhia um computador e apreciava uma exposição particular, única, elaborada a partir da pesquisa de um colega da escola. Houve uma integração significativa sobre o tema e a busca por algum entendimento sobre a questão tão presente no cotidiano da escola.

As trocas de ideias entre os alunos sobre o universo da arte urbana, o antagonismo entre a pichação e o grafite no contexto da cidade de Sobradinho e as interpretações pessoais revelaram a importância do tema no ambiente escolar.

As imagens resultantes da ação de pichadores quando interferem nas fachadas dos prédios e muros, o grafite como uma identidade da arte contemporânea constituem proposições que dialogam com a sociedade a partir da estrutura urbana sobre diferentes temáticas. Os processos pedagógicos tradicionais não buscam esta compreensão. É necessária

uma visão mais abrangente capaz de compreender as dimensões envolvidas que permeiam os ambientes que os alunos convivem, se identificam e se realizam.



Figura 6 – Aluno do projeto fotografando a escola. Fonte: Elaborado pelo autor.

3.7 A exposição como reflexo do fazer pedagógico

O trabalho pedagógico diário na sala de aula constitui uma rotina importante e necessária para o processo educacional, em que se pode, a partir daí, construir um grande espaço transformador para a sociedade diante das grandes necessidades que se apresentam continuamente.

Os desafios são oportunamente estabelecidos ao se observar as fragilidades do tecido social, definidas segundo as diferentes ações humanas. A pesquisa para os alunos foi uma oportunidade de reconhecer os espaços por eles habitados e compreenderem-se ativos na concepção visual da cidade.

Embora grande parte das intervenções ocorra de forma anônima e não demonstrem nenhum propósito artístico, percebe-se que são atos relativos à contemporaneidade no modo de viver no qual estão todos inseridos. Estes atos são resultantes da inter-relação entre a arte contemporânea e a grande movimentação urbana.

A formulação da pesquisa de campo, com respectiva coleta de imagens só se completou com a devolutiva dos alunos a partir da exposição virtual como elemento agregador. Fomentando neles um novo olhar como alunos pesquisadores para com seus

percursos urbanos, formando um sentimento de corresponsabilidade para com o todo: a escola, a rua, a praça, a cidade.

3.8 Galeria Virtual

Seleção de fotos que foram usadas na apresentação do projeto. A galeria virtual realizada em maio de 2012, no CEF 05 de Sobradinho, no Laboratório do Núcleo de Tecnologia Educacional. Elaborada pela equipe de alunos que participaram do projeto de pesquisa apresentado o tema: *Grafite e pichação – dos caos visual à estética urbana*



Figura 7 – Pose em frente ao muro da escola. Fonte: Elaborado pelo autor



Figura 8 – Rabiscos, Pichação e Grafite. Fonte: Elaborado pelo autor



Figura 9 – Pichação no Banheiro. Fonte: Elaborado pelo autor



Figura 10 – Pintura na parada de ônibus Quadra 10 – Toninho de Souza. Fonte: Elaborado pelo autor



Figura 11 – Grafite na parada de ônibus da quadra 08 em frente à praça. Fonte: Elaborado pelo autor



**Figura 12 – Banheiro público na Praça da quadra 8.
Fonte: Elaborado pelo autor**



Figura 13 – Orelhão na quadra 08. Fonte: Elaborado pelo autor



**Figura 14 – Muro da Galeria Vincent Van Gogh na Q.08
Fonte: Elaborado pelo autor**



Figura 15 – Grafite sobreposto por pichação na parada de ônibus da Q.8 em frente a Q.6 Fonte: Elaborado pelo autor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa possibilitou um entendimento sobre como a pichação e o grafite possuem raízes que se interligam e interferem na visualidade urbana. Tal entendimento resultou em uma maneira de interagir com as superfícies expostas das cidades, como uma proposta de vida de pessoas ou grupos que se organizam em cumprimento dos seus anseios, sejam eles enobrecidos e valorizados como arte, sejam eles escandalizados e considerados inoportunos diante do apelo agressivo e arbitrário que se estampam nas diversas paredes de concreto.

A pichação não é entendida como uma arte sob a visão da sociedade de forma geral, porque interfere diretamente na concepção de patrimônio e altera a estética da interface urbana a revelia da sociedade.

Os pichadores não expressam a preocupação e não veem a necessidade de subordinar seus feitos aprovação popular. Consideram um estilo de vida. A pichação limita-se a subverter a estética vigente, busca extravasar as dificuldades e a barreiras para sua criação. Seus adeptos são tratados como criminosos.

O grafite por outro lado conquistou um espaço inovador no meio urbano por dialogar com a subjetividade das relações sociais e artísticas existentes no meio urbano. Entrelaça-se com o pensamento cosmopolita contemporâneo, é a arte concebida a partir das confluências das ruas. Seus sujeitos buscam inspiração para seu aparato de trabalho na própria linguagem que a urbe oferece.

Do caos visual à estética urbana, não há uma regra, nem pela imposição de regras. A conduta humana se entrelaça com as realizações e sua contemporaneidade.

Do ponto de vista pedagógico o tema é intrigante e envolvente fazendo com que os jovens estudantes encontrem algum entendimento, permite trabalhar com leituras e interpretações de imagens como um exercício necessário para compreensão artística atual.

A reflexão possibilitou maior compreensão sobre a necessidade de encaminhar mais ações nesse sentido. Buscando compreender a significação da imagem para o jovem e a relação que estas têm com seu mundo.

No universo escolar cabe ao educador mediar esta temática observando que a pichação e o grafite são elaborações contemporâneas, ligadas ao ser, fazer e viver da cidade. É preciso buscar compreensão dos seus aspectos e a pluralidade de suas raízes urbanas diante das consequências existentes para arte e para a sociedade.

A pesquisa de campo nos revela a necessidade de deixar o aluno reconhecer as ações das pessoas em seu habitat, sabendo que são concretudes produzidas muitas vezes de forma antagônica. O educador precisa compreender que de dentro da sala de aula às vezes não é possível mensurar este dinamismo da visualidade e do estabelecimento de relações. É preciso aproveitar o potencial que vem de outros espaços, permitindo maior apropriação e envolvimento dos alunos.

Os alunos buscaram, a partir do tema pichação e grafite, compreender o movimento contínuo que promove mudanças que nem sempre são percebidas por todos, mas são incorporadas em nossas vidas. Estão sempre visíveis nas paredes, nos muros, nas ruas.

Referências Bibliográficas

BRASIL. **Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998.** Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente. Presidência da República. [online] Disponível em www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19605.htm. Acesso em 18 abr. 2013.

BRASIL. **Lei nº 12.408, de 25 de maio de 2011.** Altera o art. 65 da Lei 9.605, para descriminalizar o ato de grafitar, e dispõe sobre a proibição de comercialização de tintas em embalagem do tipo aerossol a menores de 18 (dezoito) anos. [online] Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12408.htm. Acesso em: 18 abr. 2013.

BARBOSA, Ana Amália T.Bastos , Barbosa, Ana Mae (org) **Arte/educação contemporânea - consonâncias internacionais.** São Paulo: Cortez, 2005.

BARBOSA, Ana Mae. Arte Educação no Brasil. **Realidade hoje e expectativas futuras.** [online] Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/0D/ea/v3n7/v3n7a10.pdf> 17 abr.2013

BUENO, Maria Lúcia. **Artes Plásticas no Século XX. Modernidade e Globalização.** Campinas: Unicamp, 1999.

FARO. **Entrevista: faro – gsn.** [online] Disponível em: <http://ospiores2011.wordpress.com/category/entrevistas/entrevista-faro-gsn/>, Acesso em: 16 mar. 2013.

FAVARETTO, Celso F. **Arte contemporânea e educação.** [online] Disponível em: <http://www.rioei.org/rie53a10.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2013.

GRANJEIA, Juliana. **Grafiteiros criam Museu Aberto de Arte Urbana em São Paulo.** [online] Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/984782-grafiteiros-criam-museu-aberto-de-arte-urbana-em-sao-paulo.shtml>. Acesso em: 07 mai. 2013.

LINS, Thalita. **Mesmo sem salário, professores do Picasso não pichava mantêm projeto do GDF.** [online] Disponível em http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2011/01/18/interna_cidadesdf,232893/mesmo-sem-salario-professores-do-picasso-nao-pichava-mantem-projeto-do-gdf.shtml. Acesso em 18 abr. 2013.

MARTINS, Carlos H. Santos; CARRANO, Paulo Cesar R. **A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar.** [online] Disponível em: http://www.uff.br/observatoriojovem/sites/default/files/documentos/Carrano_Carlos_Henrique_A_escola_diante_das_culturas_juvenis.pdf . Acesso em: 16 mar. 2013

PENNACHIN, Debora Lopes. **Signos subversivos**. [online] Disponível em <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/114953502668582838768987458002518756998.pdf>. Acesso em 16 mar 2013.

PEREIRA, Leonardo. **Quer saber como funciona a pichação?** [online] Disponível em: <http://humildeirresponsabilidade.wordpress.com/2012/04/15/quer-saber-como-funciona-a-pichacao/>. Acesso em 26 jul. 2013.

RAMOS, Celia Maria A. **Grafite e pichação**. [online] Disponível em <http://www.anpap.org.br/anais/2007/2007/artigos/127.pdf>. Acesso em 16 mar. 2013.

SCHULTZ, Valdemar. **Pichação e grafite: reverberações educacionais**. [online] Disponível em <http://www.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT246075--Int.pdf>. Acesso em 16 mar. 2013.

SECRETARIA DE ESTADO DE SEGURANÇA PÚBLICA DO DISTRITO FEDERAL. **Projeto Picasso Não Pichava** [online] Disponível em: <http://www.ssp.df.gov.br/servicos/programas-comunitarios/picasso-nao-pichava/275-conheca-o-projeto.html>. Acesso em 26 jul. 2013.

SILVA, Luiz Martins da. **Grafitheiros, pichadores & Companhia**. [online] Disponível em: <http://www.unb.br/noticias/unbagencia/artigo.php?id=599>. Acesso em: 16 mar. 2013.

VAZ, Tamiris; OLIVEIRA Marilda de. **Pichação = Educação = Arte: Contradição?** [online] Disponível em: <http://www2.unimep.br/endipe/1732p.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2013.

VILAS, Juliana. **Das ruas para as galerias**. [online] Disponível em: http://www.istoe.com.br/reportagens/24576_DAS+RUAS+PARA+AS+GALERIAS?pathImagens=&path=&actualArea=internalPage. Acesso em 26 jul. 2013